Fausto, de Johann Wolfgang Goethe (1749-1832)

Teresa Seruya
Professora aposentada da Faculdade de Letras de Lisboa / Investigadora do CECC- Centro de Estudos de Comunicação e Cultura da Universidade Católica

Goethe por J.H.W. Tischbein (1751-1829)

Goethe em 1828, óleo sobre tela de Stieler

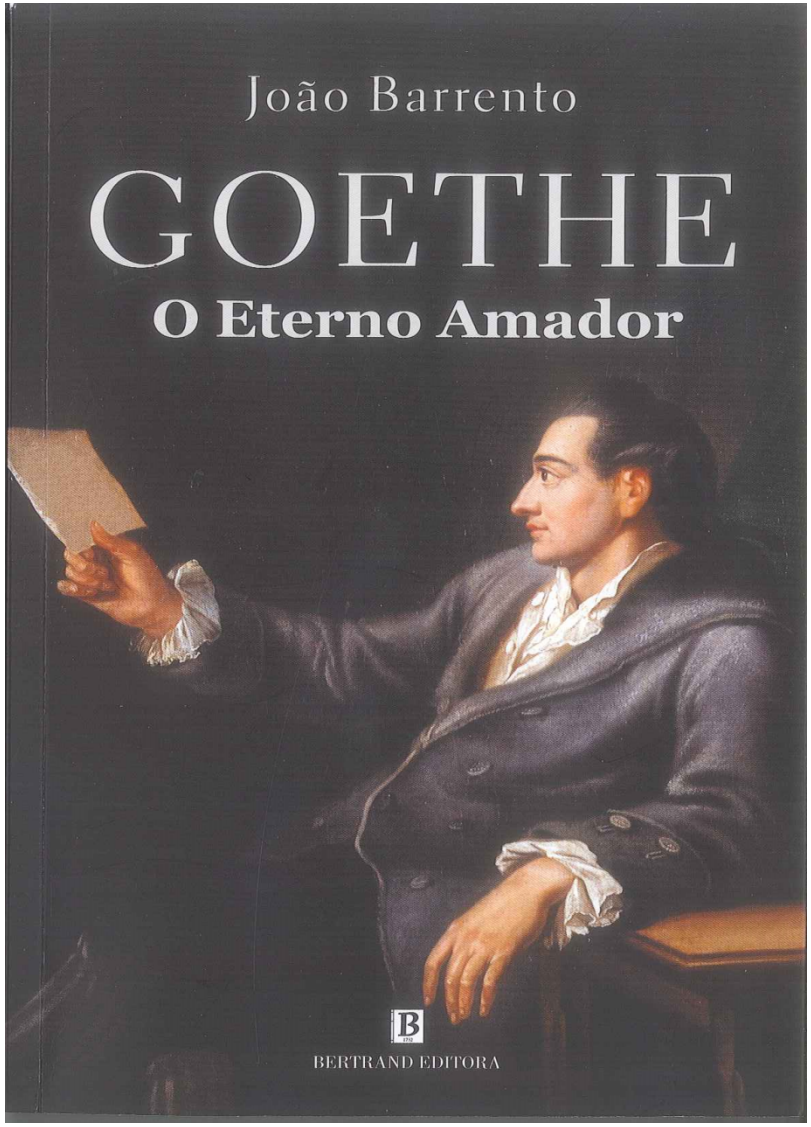
FAUSTO

JOHANN W. GOETHE

Tradução, introdução e glossário
de João Barrento

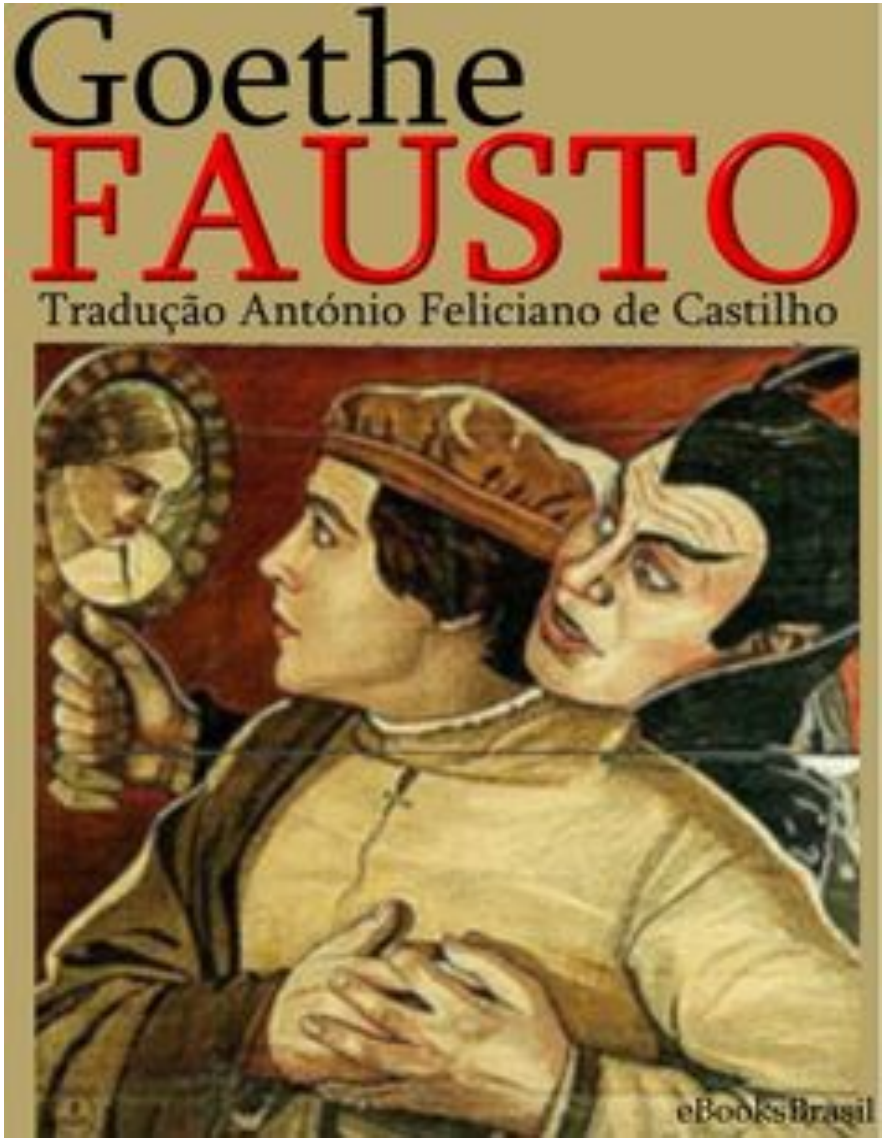
RELÓGIO D'ÁGUA

Nova biografia de Goethe, 2017



Fausto, de J.W. Goethe

- 0. Deus, Diabo e Fausto na vida quotidiana
- 1. *Fausto,* texto literário, filosófico e musical
- 2. *Fausto* na cultura portuguesa
- 3. A história, o mito e o seu tratamento. Marlowe
- 4. Caracterização geral do *Fausto* de Goethe
- 5. As principais etapas da viagem de Fausto com Mefistófeles
- 6. Ler o *Fausto* de Goethe hoje: grandes interrogações / inquietações


Goethe
FAUSTO
Tradução António Feliciano de Castilho
eBooksBrasil

O mito de Fausto (segº J Barrento)

- **Constituintes do mito:**
- - Desejo de conhecimento
- - Princípio do prazer

- **Núcleo de significação imutável:**
- - Vontade de superação de limites

Do “Prelúdio no Teatro”

Director

Por isso, não poupemos nesta peça

Nem máquinas, nem truques nem cenários. (…)

Em estrelas sejamos generosos,

Não falta água, fogo, montes rochosos,

Nem tão-pouco aves e alimárias.

Vamos abrir-vos neste humilde barracão

A perspectiva de toda a Criação,

Seguindo em ritmo certo o curso eterno,

Do Céu para a Terra e desta para o Inferno. (233-242)

Cronologia do *Fausto*

- *Urfaust* [Fausto Primitivo ou Proto-Fausto] – 1768-1775; publicado em 1790 com o título *Faust – ein Fragment*
- *Faust – der Tragödie erster Teil* [Fausto. Uma tragédia, I Parte] – 1808 (publicação). Representado pela primeira vez 21 anos depois da sua publicação
- *Faust – der Tragödie zweiter Teil* [Fausto. Uma tragédia, II Parte] – 1825-1831, manuscrito selado em 1831, reaberto em 1832 para leitura de excertos à nora Ottilie. Publicado pela primeira vez no Outono do mesmo ano (1832), depois da morte de Goethe (em Março). Irrepresentável, raramente representado

Do “Prólogo no céu”

Mefistófeles

Pede as mais belas estrelas sua ânsia,

Do mundo os maiores prazeres procura ,

E nem o que à mão tem, nem a distância

Satisfazem esta alma insegura. (304-307)

O Senhor

Nunca odiei os seres da tua casta.

De todos os espíritos negadores

É o Maligno o que menos me agasta.

A acção do Homem depressa se atenua,

Em pouco tempo já quer repouso inteiro,

É bom, por isso, mandar-lhe um companheiro

Que o espicaça e incita e como diabo actua. (337-343)

“Como chegar-te ao fundo, Natureza infinita?”
(‘Monólogo do desespero’)

Fausto

Aqui estou eu: Filosofia,

Medicina e Jurisprudência,

E para meu mal até Teologia

Estudei a fundo, com paciência.

E reconheço, pobre diabo,

Que sei o mesmo, ao fim e ao cabo!

Chamam-me Mestre, Doutor, sei lá quê,

E há dez anos que o mundo me vê

Levando atrás de mim a eito

Fiéis discípulos a torto e a direito –

E afinal vejo: nosso saber é nada! (…)

Por isso me entreguei à magia,

Para ver se por força da mente

Tanto mistério se abre à minha frente; (…)

Para conhecer os segredos que o mundo

Sustentam no seu âmago mais fundo, (…) (354-383)

Fausto caminha com Wagner

Wagner

(...) contente fica quem os campos olha;

Asas de pássaro nunca as hei-de invejar.

Mas outra coisa é o espírito a levar-

-nos de livro em livro, de folha em folha! (1102-1105)

Fausto

Duas almas tenho em meu coração,

Uma da outra a querer-se separar:

Uma apega-se, em paixão rasteira,

Com todos os seus órgãos à matéria;

A outra quer erguer-se da poeira

E subir ao reino da sua origem etérea. (1112-1117)

O pacto com Mefistófeles

Fausto

Se um dia , acomodado, na cama da preguiça

Me deitar, que esse seja o meu fim!

(…) Se alguma vez ao momento disser:

Fica, tu que és tão belo!

Serás então livre de me prender, (…) (1692-1701)

Fausto

À vertigem me entrego, gozo pungente, (…)

A minh'alma, curada a sede de saber,

Abrir-se-á agora a toda a provação,

E no mais íntimo de mim quero viver

O destino de toda a humana geração; (1766-1771)

A ‘Gretchenfrage’ (‘Pergunta de Margarida’)

Margarida

Ora diz lá, tens religião?

És um bom homem, mas quer-me parecer

Que não ligas muito à devoção.

Fausto

Deixa lá isso! Sabes que me és muito querida,

Que por quem amo daria sangue e vida;

Igreja e crença a ninguém quero roubar . (3415-3420)

A riqueza e o poder não satisfazem Fausto

Fausto

Pois seja então! Vamos até ao fundo,

Que no teu Nada espero encontrar o Todo.

Mefistófeles

Meus parabéns! Agora podes ir.

Tu conheces o diabo até a dormir.

(…)

Fausto

Não procuro inactivo a salvação,

É mais Homem o Homem em comoção;

Por mais que o sentir sofra adversidade,

Comovido sente mais a imensidade. (6255 .. 6274)

Fausto vê Helena na Noite de Walpurgis

Fausto perante a visão de Helena:

Tenho inda olhos? Mostra-se no fundo

D'alma a fonte inexaurível do Belo?

Já dá frutos a descida ao inferno. (…)

A bela forma que antes me enfeitiçou,

Naquele espelho mágico me encantou,

Era mera sombra desta beleza! –

A ti só devo energia e acção, (…) (6487-6498)

Mefistófeles tenta Fausto com riquezas, prazer e glória

Fausto

Sinto-me capaz, como os eleitos,

De dar corpo a algo portentoso. (...)

Poder, riqueza, essa é a jogada!

A acção é tudo, a glória é nada. (10183-10187, 8)

O imperador vence a guerra; saque ao acampamento do inimigo derrotado

Imperador

Não sei como, a vitória pendeu pr'o nosso lado,

Já foge o inimigo p'la planície, acossado. (...)

De todo o lado chega enfim feliz mensagem:

Pacificado, o império a mim presta homenagem.

Se na batalha, é certo, magia se envolveu,

No fim fomos nós próprios quem lutou e venceu. (...) (10849-10858)

Fausto cede ao poder e à riqueza

Fausto

Envergonho-me de o dizer:

Quero os velhos dali p’ra fora!

Quero as tílias, pr’aí morar;

As árvores que não tenho, agora

Conseguem meu império estragar. (11238-11242)

A resistência, a teimosia,

Estragam-nos riqueza e alegria.

Até que um dia, embora a custo,

Se cansa um homem de ser justo. (11269-11272)

Depois do assassínio de Filémon e Báucis,

Fausto

Os astros escondem brilho e olhar,

Abranda o fogo, a crepitar;

Um ventozinho o vai atiçando,

Fumo e vapores pr’aqui trazendo.

Foi lesta a ordem, mais lesto o fim! –

Que sombras se aproximam de mim? (11378-11383)

Fausto reflecte sobre os seus actos, em diálogo com Inquietação

Fausto

Liberdade, ainda não foste alcançada!

Pudesse eu libertar-me da magia,

Esquecer as fórmulas de feitiçaria,

Como homem só a natureza olhar,

Então valia a pena humano ser.

Já o fui, antes de às trevas me dar (…) (11403-11407)

Corri mundo até agora, mais não,

Sem rejeitar um único prazer:

Largando o que me não bastar,

Deixando ir o que me escapar.

Só desejei, e o que desejei fiz, (…)

Do terrestre orbe não ignoro nada,(…)

P’ra quê o devaneio da eternidade? (11433-11447)

Sempre a acção, mesmo na adversidade

Fausto

Na noite mais profunda mergulhei,

Só na alma brilha a clara luz;

Apresso-me a dar corpo ao que pensei, (...)

Erguei-vos todos, escravos, trabalhai!

Fazei que se veja o que imaginei. (11499-11504)

Elogio do esforço e da superação de si

Fausto

Que suba lá fora a maré furiosa,

E se, violenta, tentar abrir brecha,

Em comum esforço acorre o povo e a fecha.

Esta é a ideia que havemos de aceitar,

Esta é do sábio a suprema verdade:

Só quem dia a dia a conquistar

Merece a vida e a sua liberdade. (11570-11576)

Os anjos transportam a alma de Fausto

Anjos (*voando na atmosfera mais elevada, e transportando a alma de Fausto)*

Das garras do mal elevamos

Est'alma a nobre esfera,

Pois só àquele redenção damos

Que em esforço persevera.

E se nele o supremo amor

Uma parte tiver,

Os santos com fraterno ardor

O irão receber. (11934-11941)

Final

Chorus mysticus

Tudo o que passa

É símbolo só;

O que não se alcança

Em corpo aqui está;

O indescritível

Realiza-se aqui;

O Eterno-Feminino

Atrai-nos para si. (12104-12111)